A crise da ética: existe esperança? (1997)

Simon Schwartzman
Universidade de São Paulo

Quem acompanha pela imprensa diária a sucessão de denúncias de corrupção em todos os níveis de governo, o predomínio da conveniência, da acomodação e da troca de favores da vida política, a generalização do "espírito de Gérson", de levar vantagem em tudo, a falta de critérios e princípios que faz com que as pessoas não ousem afirmar com clareza suas convicções, e a valorização acentuada do "estilo", da moda e do "estar por dentro" das coisas, estimulada pelos meios de comunicação de massas, não pode deixar de entender e compartir as preocupações de Lamartine Pereira da Costa sobre a "moral do efêmero", ou a falta de moral, da sociedade brasileira.

Não é fácil explicar por que chegamos a esta situação, e menos ainda dizer como poderemos sair dela. Sem ter tido tempo de ler e meditar sobre o imenso e erudito trabalho de Lamartine, não posso dizer se concordo ou não com as interpretações e caminhos que ele aponta. De qualquer forma, acho que posso assinalar alguns pontos que ajudam a colocar esta questão em perspectiva.

A convivência humana, para ser estável e conveniente para todos, requer que as pessoas desenvolvam regras de convivialidade e respeito mútuo, e não fique cada um sem poder dormir com medo de ser assassinado ou roubado pelo vizinho ou pelo irmão. Esta ética, ou moral de relacionamento, existe na máfia, nas prisões, nas gangs e em qualquer outra forma de convivência humana.

O que não se sabe muito bem é como esta moral "privada", de pequenos grupos, pode se estender e consolidar por toda a sociedade. O contraste entre a moral "privada" e a (falta de) moral "pública" não é uma exclusividade brasileira; o que varia é a definição do que seja este "público". Os cristãos massacraram os árabes nos tempos das cruzadas, os ingleses comandaram a guerra do ópio da China, os americanos quase destruíram o Vietnam, os sul africanos mantêm os negros segregados e oprimidos, o Kmer Vermelho massacrou um terço da população do Camboja - tudo isto feito, muitas vezes, por pessoas agindo em nome de princípios éticos e

acreditando neles, comportando-se de maneira irrepreensível em relação a parentes, amigos e vizinhos, e incapazes de jogar um papel sujo pela janela.

A fronteira entre quem faz parte do "nós", e por isto deve ser protegido pelas normas éticas, e quem são "eles", que não têm direito a esta proteção, varia no espaço, no tempo e em função de tradições e experiências passadas, que fazem parte da cultura de um povo, e também das circunstâncias. Se a economia é um caos, se o futuro é incerto, se a cidade está infestada de bandidos, pode valer mais a pena tratar de dar um golpe na praça e juntar dinheiro de qualquer maneira, e mudar-se para uma fortaleza cercado de guarda-costas de confiança, do que desenvolver uma reputação de honestidade, investir a longo prazo em uma carreira profissional ou na constituição de uma empresa sólida, e participar com entusiasmo da associação de vizinhança de meu bairro. Mas não será o contrário, ou seja, a sociedade não seria caótica e sem perspectivas por causa da falta de ética e do individualismo das pessoas? É uma pergunta difícil, mas eu diria, basicamente, que não: a soma das virtudes individuais geralmente não é suficiente para produzir a virtude coletiva (na verdade, os economistas clássicos sustentaram, e ainda sustentam, exatamente o oposto, ou seja, que a boa sociedade é o resultado da livre interação dos egoísmos individuais dentro do mercado competitivo).

A segunda coisa a observar é que os valores éticos podem mudar com grande velocidade, dentro da mesma geração ou entre gerações. Tivemos exemplos disto no clima diferente que respiramos nos dias efêmeros que antecederam a doença e morte de Tancredo Neves, ou nos primeiros tempos do Plano Cruzado. É certo que eram momentos de euforia, que não poderiam durar indefinidamente. Mas, se eles não tivessem terminado com frustrações tão grandes, talvez pudessem dar início a um novo padrão de envolvimento das pessoas com a sociedade e com o coletivo. A expansão das religiões protestantes no Brasil está ligada a um fenômeno de massas de "renascimentos espirituais" cuja profundidade e extensão ninguém realmente conhece, mas que todos sabem ser significativo. O mesmo sucede com partidos e movimentos políticos que se afirmam pela oposição e o rechaço a "tudo que está aí", e desenvolvem formas novas de convivialidade e participação social. Finalmente, todos sabemos que as novas gerações frequentemente crescem e se desenvolvem por oposição às antigas, e da mesma forma que, nos anos sessenta, os valores "hippies" surgiram para se opor à ética burguesa e do trabalho da geração que viveu a segunda guerra mundial, é possível que agora esteja surgindo uma nova moralidade que venha a substituir o relativismo, a falta de convicção e as acomodações que caracterizam muito da cultura "pós-hippie" de agora (que alguns preferem chamar de "pós-moderna").

Em resumo: a questão ética é importante, e nossa situação, neste particular, é grave, mas não creio que estejamos perdidos ou condenados. Valores e atitudes são mutáveis, dependem muito das circunstâncias e dos tempos em que vivemos, e podem, por isto, mudar para melhor. É, pelo menos, minha esperança.